

VILAS RURAIS NA AMAZÔNIA ORIENTAL: O NORDESTE PARAENSE EM QUESTÃO

Laiane Bezerra Ribeiro¹

Dalva Maria da Mota²

Ketiane dos Santos Alves³

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar a relação entre a formação histórica, localização e infraestruturas em vilas rurais na região produtora de dendê no Nordeste Paraense. Não obstante a importância das vilas como referência de pertencimento, raramente elas constituem objeto de análise na região mais antropizada do estado. A pesquisa foi realizada por meio de um estudo exploratório em 21 municípios produtores de dendê. Neste universo, a amostra foi de 10% das vilas, ou seja, um total de 341 vilas. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com atores-chave (antigos moradores e lideranças). As principais conclusões mostram a relação direta entre a formação, localização e infraestruturas das vilas. As vilas do Tipo 1 (com um centro) e do Tipo 3 (na margem dos cursos d'água) têm melhores infraestruturas porque são mais antigas, comportam maior número de habitantes com maior estabilidade para ali permanecerem, e dispõem de organizações sociais que pressionam o poder público em favor das suas demandas. As vilas do Tipo 2 (com casas espalhadas) são as que menos dispõem de infraestruturas pela dispersão das residências. As do Tipo 4 (ao longo das estradas) são as mais recentes e menos estáveis em decorrência dos fluxos migratórios que comportam porque são predominantemente constituídas por assalariados.

Termos para indexação: comunidades, dendeicultura, Nordeste Paraense, povoados.

RURAL VILLAGES IN EASTERN AMAZONIA REGION: NORTHEASTERN PARÁ UNDER ANALYSIS

ABSTRACT

The aim of this article is to analyse the relationship between the historical formation, location and infrastructure of rural villages in the palm oil producing region of northeastern state of Pará, Brazil. Despite these villages' importance as places of reference of belonging, they have rarely been an object of analysis considering that this region in the state of Pará has experienced more intervention by man than any other in the state. This research consisted of an exploratory study encompassing 21 palm oil producing municipalities. Within this universe, a sample of 10% of the villages (341) was defined. Semi-structured interviews were conducted with key actors (long-standing residents and community leaders). The main findings revealed that there is a direct relationship between the villages' formation, location and infrastructure. Type 1 villages

¹ Engenheira-agrônoma, mestre em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável. laianebr@yahoo.com.br

² Pedagoga, doutora em Sociologia, pesquisadora da Embrapa Amazônia Oriental, bolsista de produtividade do CNPq, Belém, PA. dalva.mota@embrapa.br

³ Engenheira-agrônoma, mestre em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável. ketiane_alves@hotmail.com

(with a centre) and Type 3 villages (on the banks of water courses) have the best infrastructure because they are older and have a higher number of stable residents who are more likely to live permanently in the area. These villages have a number of social organisations capable of putting pressure on public authorities to meet residents' demands. Type 2 villages (scattered houses) have the least amount of infrastructure, given their dispersed location. Type 4 villages (along the roads) have been established more recently and are the least stable due to migration flows and because they are predominantly made up of employees of the palm oil extraction industry.

Index terms: communities, palm oil cultivation, northeastern Pará, settlements.

INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema das vilas rurais do Nordeste Paraense surgiu no âmbito do projeto Agricultura Familiar e Inclusão Social (Projeto AFInS), iniciado em 2014 na Embrapa Amazônia Oriental, no qual se constatou uma lacuna importante quanto a dados e análises sobre o tema (RIBEIRO, 2016). Ressente-se também da falta de estudos em maior escala sobre a relação entre formação histórica, localização e infraestruturas das vilas que, nos últimos anos, têm estado sob influência direta da dendeicultura.

No Brasil, o tema é estudado por autores que se referem às vilas usando outras denominações que variam de acordo com a região, referencial teórico-metodológico e momento histórico. Na região Sudeste, mais precisamente no Estado de São Paulo, autores denominam esse espaço de “bairros rurais” (CANDIDO, 1987; MOREIRA; HESPAHOL, 2007; QUEIROZ, 1973). Queiroz (1973) identifica os lugares de residência no mundo rural como “habitats” dispersos e centralizados por pequenos núcleos de habitações (geralmente em torno de uma capela) com vínculos sociais que unem seus membros. Candido (1987) ressalta principalmente o sentimento de localidade entre seus moradores. Para o autor, esse sentimento é responsável pela definição das extensões do bairro. No Nordeste, predominam as denominações “povoados” e “comunidades”, assim como na região amazônica (HÉBETTE et al., 2002; MENEZES, 2002; NEVES, 2005; SILVA, 2005; WAGLEY, 1988).

A literatura sobre os lugares de residência no mundo rural brasileiro é rica em estudos de caso. Em comum, os autores ressaltam a organização social para uma vida coletiva com fortes vinculações dos habitantes ao trabalho (na agricultura e em outras atividades), e na viabilização de políticas públicas (ALENCAR, 2010; GUEDES; CORDOVIL, 2014; SILVA, 2011).

Nos estudos realizados no âmbito do AFInS, o uso do termo “vilas rurais” é decorrente, por um lado, do frequente uso que os entrevistados fazem para se referirem aos lugares onde residem. Por outro, é decorrente da utilização desta mesma designação em estudos no Amazonas (ALENCAR, 2010) e no Pará (GUEDES; CORDOVIL, 2014; GUERRA, 2015; SILVA, 2011). Em ambos, a designação dos lugares de residência, o reconhecimento de pertencimento, os vínculos sociais (de parentesco, religiosos, etc.) e a disponibilidade de infraestruturas diversas demarcam a noção.

Neste quadro, o objetivo do artigo é analisar a relação entre a formação histórica, localização e infraestruturas de vilas rurais no Nordeste Paraense, região mais antropizada da Amazônia brasileira e, recentemente, palco da expansão da produção de uma commodity (dendê).

METODOLOGIA

O estudo é parte de um projeto mais amplo (AFInS) que analisa se a produção de dendê por agricultores familiares tem significado a possibilidade de inclusão social. O AFInS tem sido realizado por meio da abordagem qualitativa e quantitativa em diferentes escalas (região, vilas e estabelecimentos).

Este artigo privilegiou as vilas rurais que estão na região produtora de dendê e se atém à formação histórica, localização e infraestrutura, considerando que as influências diretas da dendeicultura sobre a dinâmica das vilas será objeto de outra publicação. A metodologia constou de um estudo exploratório com observações e entrevistas, com um questionário com perguntas abertas e semiestruturadas sobre: história da vila, demografia, infraestrutura, acesso à terra, recursos naturais, atividades econômicas, organização social, festejos e apreciação da vila.

Dados quantitativos e qualitativos foram levantados com 341 atores-chave (antigos moradores, lideranças comunitárias, professores, agentes comunitários de saúde e residentes em geral) para identificar o ano de fundação da vila, os primeiros moradores, a infraestrutura (prédios e serviços), as atividades econômicas e as organizações sociais, entre outras questões. Pontos de Sistema de Posicionamento Global (GPS) foram levantados para permitir a localização das vilas.

A amostra foi de 10% das vilas, selecionadas aleatoriamente, em 21 municípios na região de expansão da dendeicultura no Nordeste Paraense. Foram visitadas 341 vilas rurais, conforme especificado na Figura 1.

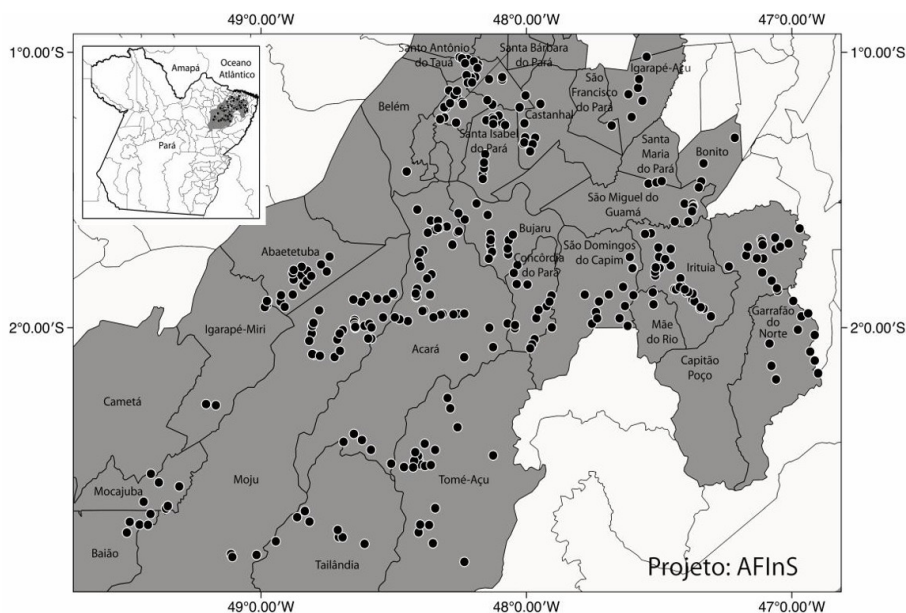


Figura 1. Localização das vilas rurais visitadas no Nordeste Paraense (dados primários do projeto AFInS).

A pesquisa foi realizada no período de 2014 a 2015 e sua principal contribuição é oferecer dados e análises sobre vilas rurais no Nordeste Paraense para subsidiar a ação de pesquisadores e agentes de desenvolvimento.

VILAS RURAIS NA AMAZÔNIA

A ocupação da Amazônia, assim como a do Pará, nasceu sob grande disputa territorial, entre espanhóis, portugueses, ingleses, franceses e holandeses (PORTO-GONÇALVES, 2005). Os portugueses, com o objetivo de

conquistar territórios, iniciaram uma demarcação de áreas por meio da criação de fortificações como o Forte do Presépio, em Belém, em 1616, aliados à Igreja Católica e à política de domínio territorial. Foram criadas várias formações de aldeamentos religiosos que tinham o objetivo de conquistar novas áreas por meio da captura, “pacificação” e catequese dos indígenas que habitavam nos seus arredores. Algumas destas se transformaram em cidades ao longo dos rios, sobretudo em confluência com outros rios (PORTO-GONÇALVES, 2005).

A Amazônia, até o início do século XX, esteve basicamente ligada à dinâmica do uso dos rios, que influenciou na localização de vilas rurais e cidades mediante a facilidade de transporte de passageiros e mercadorias. As vilas foram fundadas principalmente sob incentivo da entrada de escravos e migrantes nordestinos, nos diferentes ciclos econômicos, como a exploração das drogas dos sertões, ciclo da borracha e do garimpo (SANTOS, 1980).

Segundo Loureiro (2002), o homem natural da Amazônia tinha vivido séculos à beira dos rios e igarapés. As cidades, vilas, povoados e fazendas situavam-se às margens dos cursos d’água. Às vezes eram casas com uma única família, ou um grupo de duas ou três casas, com comércio e moradia que ficavam reunidas nas margens de rios. Até os anos 1960, a população da região Norte vivia predominantemente em pequenos povoados e vilarejos situados nas margens de rios, onde desenvolvia suas atividades.

O Nordeste Paraense, região mais antiga de colonização do Pará, tem particularidades quando comparado com outras regiões do estado. Segundo Porto-Gonçalves (2005), o processo de ocupação iniciou-se na região da Guajarina, caracterizado pela dinâmica estabelecida nesse período entre “rio-várzea-floresta”, uma vez que até meados da década de 1960, era por meio dos rios que essas populações se locomoviam. Segundo o autor, foi nesta sub-região que se formaram as primeiras vilas rurais desde o século XVIII até a primeira metade do século XX, quando os processos sociais que marcaram a ocupação da região refletiram as políticas de desenvolvimento para o Nordeste Paraense.

Para Vieira et al. (2006), no final do século XIX, a construção da estrada de ferro Belém-Bragança (1883–1908) e o avanço da frente de colonização por meio das colônias de povoamento foram os principais responsáveis pela destruição da mata primária nessa região. Os autores apontam ainda dois motivos principais para o desaparecimento da floresta:

[...] a conversão da mesma em carvão para deslocamento do trem em seus trilhos, e a ligação pela ferrovia a diferentes pólos da região, a qual facilitou o assentamento de colônias e núcleos agrícolas e o início de uma agricultura extensiva na região do nordeste paraense (VIEIRA et al., 2006, p. 29).

Conceição (1990) analisa que a construção da rodovia Belém-Brasília (BR 010), inaugurada em 1960, e a política de incentivos fiscais estimularam, na década de 1970, o estabelecimento de grandes fazendas na região e a atração de migrantes, entre os quais nordestinos e paulistas que chegaram pressionando a transformação da paisagem. Em consequência, vilas rurais existentes e recém-fundadas sofreram influências externas.

VILAS RURAIS NO NORDESTE PARAENSE: PROPOSIÇÃO TIPOLOGICA

Segundo os dados levantados, 59% das vilas rurais da região foram formadas a partir dos anos 1960, marco histórico que coincide com a abertura de importantes estradas no Nordeste Paraense (BR316, PA150).

De modo geral, as vilas em estudo se caracterizam pela diversidade de meios de vida dos que nelas residem, com destaque para a agricultura, extrativismo e assalariamento. Há predominância da agricultura itinerante, denominada localmente de “corte e queima”, para o cultivo de culturas alimentares, especialmente a mandioca para a transformação em farinha. Mais recentemente, cerca de 1.200 famílias cultivam dendê sob a condição de integrados a agroindústrias.

O extrativismo vegetal, especialmente de açaí, se evidencia em diferentes municípios em atendimento à demanda nacional. O extrativismo animal, especialmente de peixes, ocorre em menores proporções nas vilas estudadas, muito embora o Estado do Pará seja o maior produtor de pescados na região Norte do Brasil (FAO, 2010).

O assalariamento agrícola e não agrícola predomina nas vilas situadas nos arredores da capital do estado, Belém, tanto nos serviços públicos como em estabelecimentos agrícolas empresariais. Em menor proporção, constatou-se também nos arredores dos cultivos empresariais de dendê.

Para além das características gerais, uma tipologia das vilas rurais foi traçada com base na localização das residências, considerando que estas têm relação direta com a formação histórica e infraestruturas. A tipologia permite identificar a diversidade das vilas e, assim, melhor orientar ações de desenvolvimento local.

Assim, quatro tipos de vilas foram definidos, quais sejam: Tipo 1: vilas em torno de um centro (58% do total); Tipo 2: vilas com casas espalhadas (6%); Tipo 3: vilas ao longo dos cursos d'água (26%); e Tipo 4: vilas ao longo das estradas (10%).

A população residente nas vilas pesquisadas é de até 600 pessoas em 80% dos casos. Apenas 10% têm mais de 1.000 (Figura 2).

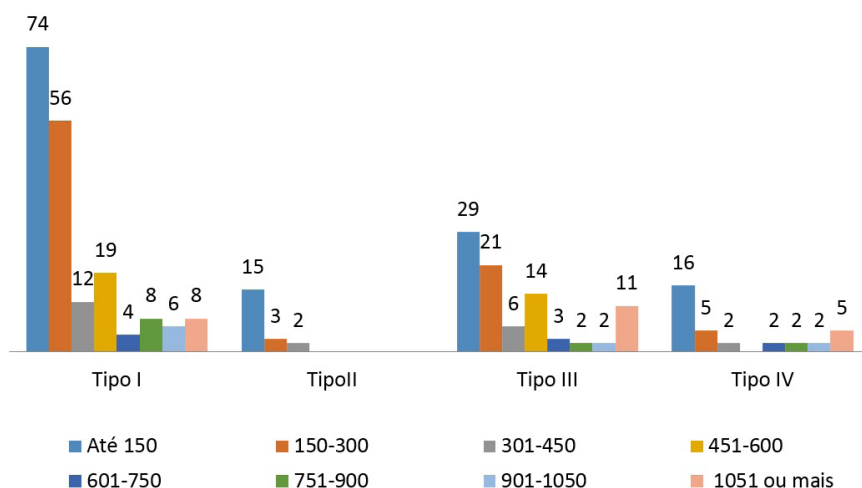


Figura 2. Número de habitantes por tipo de vilas segundo os entrevistados (dados primários do projeto AFInS).

Em se tratando do número de residências, constatou-se que 77% das vilas têm até 100 casas. Com poucas exceções (2%), a grande maioria (98%) têm no máximo 400 (Figura 3).

Nas vilas, as casas são de três tipos: alvenaria (70%), madeira (27%) e taipa (3%). As primeiras predominam nas vilas mais recentes, muitas vezes de propriedade de descendentes de migrantes nordestinos. Já as de madeira são

frequentes nas margens dos rios e igarapés em decorrência da maior facilidade para lidar com as enchentes e também pelo maior acesso à madeira antigamente. De maneira geral, a alvenaria é considerada mais duradoura e expressão de melhores condições de vida em terra firme.

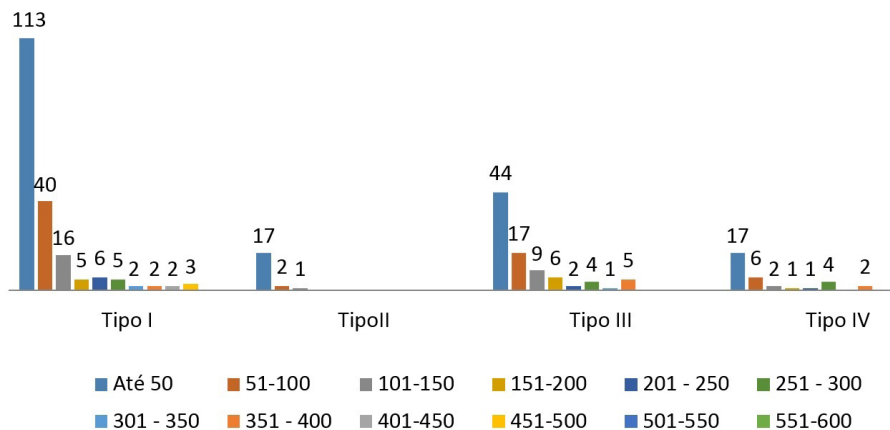


Figura 3. Número de casas por tipos de vila segundo os entrevistados (dados primários do projeto AFInS).

A maioria das residências têm quintal (96,5%) com flores, ervas e árvores frutíferas em área contínua às residências, mas sem marcadores visíveis como cercas e muros. Marcadores para distinguir as residências também podem ser: uma árvore, um mourão ou a própria memória.

Em se tratando da infraestrutura, o quadro geral para os quatro tipos de vilas pode ser visto na Tabela 1.

Grosso modo, escolas e postos de saúde são a infraestrutura mais frequente nos diferentes tipos de vilas. Chama a atenção que as vilas do Tipo 3 têm um conjunto maior de infraestrutura em contraste com as do Tipo 2. Foge à regra o quantitativo de igrejas, que superam qualquer outra infraestrutura ou serviço, particularmente, as igrejas evangélicas. Nas vilas do Tipo 3, ao longo dos cursos d'água, existe o maior número de igrejas, com mais de duas para cada vila com predominância absoluta das evangélicas (o dobro das católicas).

As organizações sociais mais frequentes são os clubes de futebol e os grupos de jovens. Estes últimos são ligados às diferentes igrejas e têm um papel

central na estruturação de atividades de lazer que se diferenciam nos grupos sociais afiliados a uma ou outra religião. Para os católicos, as festas do padroeiro, São João, Círio, etc. e de “aparelhagem” se destacam. Para os evangélicos, têm importância as festas na igreja e as festas cívicas.

Tabela 1. Infraestrutura e serviços por tipo de vila segundo os entrevistados (dados primários do projeto AFInS).

Infraestrutura e serviços	Tipo 1	Tipo 2	Tipo 3	Tipo 4
Escola, posto de saúde, posto policial e telefone público	4	0	15	0
Posto de saúde, escola e telefone público	34	0	0	3
Escola e posto de saúde	0	1	8	6
Escola e telefone público	0	0	9	6
Escolas	108	13	40	11
Posto de saúde	1	1	3	0
Posto policial	1	0	0	0
Telefone público	2	1	0	0
Outros serviços	22	0	0	0
Nenhuma infraestrutura	27	4	13	8
Total de vilas	199	20	88	34

Vilas em torno de um centro

As vilas em torno de um centro se diferenciam das demais pela concentração de residências, infraestruturas e serviços. Esse tipo de vila é formado por um centro, composto por seus principais prédios, como escolas, igreja católica, uma pequena praça, campo de futebol, bares, postos de saúde, entre outros. Para além da estrutura física, concorda-se com Guerra (2015) quanto à importância dessa infraestrutura na estruturação da vida social dos moradores porque ali ocorrem encontros religiosos, econômicos e culturais para pessoas de diferentes idades (HÉBETTE et al., 2002).

Entre as vilas visitadas, esse tipo é o mais frequente (vilas em torno de um centro), pois agrega 199 vilas, equivalente a 58% das vilas visitadas nos 21 municípios. A população nessas vilas foi uma das mais numerosas, com até

300 habitantes para 65% dos casos. Dez por cento das vilas têm mais de 1.000 habitantes, número superior a todos os demais tipos. Cinquenta e um por cento das vilas têm até 200 casas. É neste tipo que há a maior diversificação quanto ao número de casas porque ofertam maior infraestrutura.

Leite et al. (2004) destacam que, em projetos de assentamentos no Brasil, sempre existe um “centro”, uma igreja (principal elemento de definição), uma escola e um campo de futebol. Hébette et al. (2002), na região de Marabá, também encontraram vilas em torno de um centro. Os autores ressaltam que essa formação favorece os contatos cotidianos entre as famílias, e as pessoas não se sentem isoladas, pois as casas e os prédios públicos e privados estavam reunidos em torno de um centro. As mesmas razões foram elencadas por entrevistados nesta pesquisa. Entretanto, desvantagens também foram apontadas em decorrência da violência e insegurança que os têm acometido, mais recentemente, em decorrência da intensificação do uso de drogas, segundo informam. Em consequência, valorizam o “sossego” que atribuem às vilas do Tipo 2, constituídas por casas espalhadas.

Em geral, o centro da vila é formado pelas casas dos primeiros moradores, que são de alvenaria, com banheiro interno e uma maior disponibilidade de aparelhos eletrônicos e comodidades. Por meio da divisão do terreno dos pais, os filhos constroem suas casas nas proximidades após casarem-se. A doação de terrenos pelas famílias fundadoras também era comum para a construção de prédios públicos, como escolas e igrejas. Por isso, há a proximidade entre as suas casas e a infraestrutura que abriga serviços. Sem contar que

[...] a igreja e a escola, em particular, são espaços institucionais da maior importância, a que se vinculam direitos de domínio e controle social dos quais, por sua vez, derivam status e prestígio (HÉBETTE, 2002, p. 141).

A venda de terrenos registra-se para iniciativas privadas, como bares, comércios, salões e outros. Grande parte dos moradores dispõe de pequenas áreas de terra em torno das casas, como quintal, onde cultivam algumas frutíferas, ervas medicinais e hortaliças e criam pequenos animais para consumo e venda. As áreas maiores para o cultivo agrícola geralmente encontram-se afastadas das residências e da vila.

Os habitantes que chegaram mais recentemente se instalaram no entorno, em casas menos estruturadas. Foram atraídos por oportunidades de trabalho

assalariado e/ou questões familiares. Muitas vezes instalam pequenos comércios na frente de suas casas. Essas características conformam um padrão no qual os pioneiros que têm laços de consanguinidade moram mais próximos uns dos outros e em melhores condições.

As igrejas católicas estão entre os primeiros prédios das vilas e totalizam 139 unidades. Geralmente têm um salão comunitário ao seu lado, que sedia eventos e festividades dos católicos. A evidência remonta ao trabalho de evangelização que a Igreja Católica manteve durante décadas na região sem a concorrência expressiva de outras iniciativas religiosas, como também observado por Silva (2005) no Estado do Amazonas. Também é comum encontrar uma pequena praça próxima à igreja, onde os moradores da vila vivenciam momentos de festividade. As igrejas evangélicas, em número de 244, por terem sido construídas mais recentemente, geralmente encontram-se mais afastadas do centro. No entanto, superam em número as católicas e seguem diferentes orientações.

Em se tratando do conjunto de infraestrutura, apenas 2% (4) das 199 vilas em torno de um centro têm, simultaneamente, escola, posto de saúde, posto policial e telefone público. Dezessete por cento (34) das vilas têm somente posto de saúde, escola e telefone público. Cinquenta e cinco por cento (109) das vilas comportam somente escolas, 0,5% (1) das vilas tem apenas posto de saúde, 0,5% (1) das vilas tem apenas posto policial, 1% (2) das vilas tem somente telefone público, e 13% (27) das vilas não têm nenhuma dessas infraestruturas. Onze por cento (22) das vilas contam com outros serviços (assistência técnica, telefonia, etc.). Não obstante a carência de serviços, sinônimo da ausência do poder público, estas últimas são as vilas com maior oferta de serviços.

Em se tratando da vida associativa, os clubes de futebol encontram-se em 144 vilas, ou seja, em 72%. Os grupos de jovens estão em 115 (57%), e as associações, em 99 (49%). De pequena expressão numérica são os grupos de mulheres, os clubes de mães, cooperativas e clube agrícola. De qualquer modo, em diferentes domínios da vida social, existe a iniciativa de ação coletiva para melhorar serviços, organizar festividades e ajudar vizinhos em situações de doença e dificuldades.

No geral, as vilas em torno de um centro são as que apresentam uma melhor infraestrutura, fato que está relacionado ao número e concentração de

seus habitantes e ao tempo de fundação. Esses elementos são argumentos usuais na execução de políticas públicas que tomam em consideração o número de habitantes a ser beneficiado (energia, escola, posto de saúde).

Vilas com casas espalhadas

Esse tipo de vila se caracteriza pela existência de casas espalhadas, assim como infraestrutura e serviços dispersos. A principal explicação para tal espacialização é a residência no lugar de trabalho que, neste caso, são predominantemente estabelecimentos de agricultores familiares. A abertura de estradas, que geralmente é de terraplanagem, e a chegada de energia elétrica incentivaram os moradores a construir suas casas de frente para a estrada, mediante a maior facilidade para ter acesso a esses dois tipos de serviços.

Em frente às casas é comum encontrar placas com a identificação da propriedade por meio do nome de santos ou das famílias que ali residem.

Foram identificadas apenas 20 vilas nesse formato, o correspondente a 6% da amostra, em oito municípios. As casas e prédios (escolas e postos de saúde) são localizados ao longo de vicinais ou ramais para facilitar o acesso a estradas e à energia elétrica.

Do total de vilas, 75% (15) tiveram até 150 habitantes, enquanto 25% (5) tiveram um número superior a este. O pequeno número de habitantes é explicado pela dificuldade de acesso, particularmente, dos jovens à educação, e acesso dos demais a serviços de saúde e ao mercado. O número de casas nesse tipo de vila também foi de pequena expressão e está na faixa de 15 casas por vila, sendo que 65% (14) das vilas tinham até 30 casas (Figura 3), e os seus habitantes, na maioria, eram pequenos proprietários de terra.

Segundo Hébette et al. (2002), esse tipo de vila também foi identificada em outras regiões do Pará, mas a sua identificação depende de uma observação mais atenta. Candido (1987, p. 62) também destaca o caso que analisou: “as habitações podem estar de tal modo afastadas que o observador não discerne, nas casas isoladas que topa a certos intervalos, a unidade que as congrega”. Assim, o que delimita essas vilas é o sentimento de pertencimento, pois, apesar de as casas serem afastadas, os moradores se reconhecem como pertencentes àquelas vilas.

Os comércios, quando existentes, são formados nas próprias casas, por meio da abertura de uma janela em um dos cômodos da frente, e neles se encontram alguns itens básicos da alimentação, cervejas, cachaças, mas principalmente “salgadinhos” ou “skilhos” (um tipo de salgadinho) para as crianças.

Vilas ao longo dos cursos d’água

Nestas vilas, as residências e as infraestruturas para prestação de serviços margeiam os cursos d’água, tipo de povoamento mais antigo na formação de vilas na Amazônia. As residências e as igrejas católicas encontram-se de frente para o rio, que dispõe de pequenos portos e trapiches que fazem a ligação da parte terrestre da vila com a de água, de onde as pequenas embarcações chegam e saem, sendo o transporte fluvial bastante utilizado. Essas vilas contam com a presença de famílias que ali habitam há décadas e que tiveram o rio como única forma de transporte por muito tempo.

Segundo Loureiro (2002), a vida às margens do rio exige das pessoas um profundo conhecimento da natureza e uma grande articulação com ela. Nesse tipo de vila, a água (dos rios ou igarapés) é o elemento que condiciona a forma de viver. O rio proporciona parte dos meios de vida, pois permite o trabalho da pesca para o consumo e venda.

As vilas ao longo dos cursos d’água totalizaram 88, correspondem a 26% da amostra e estão em 18 municípios. Em número de habitantes, são as mais expressivas após as do Tipo 1. Trinta e dois por cento das vilas ao longo dos cursos d’água têm até 150 habitantes, enquanto 46% têm entre 151 e 600 habitantes. Doze por cento têm mais de 1.000 habitantes (Figura 2). Em 69% das vilas, o número de casas é de até 100. Não se encontraram vilas com mais de 400 habitantes (Figura 3).

Os serviços de saúde, escola e telefone público existem em 17% (15) das vilas. Nove por cento das vilas têm escola e posto de saúde, e 10% têm escolas e telefones públicos. Quarenta e seis por cento têm somente escolas. Três por cento têm apenas postos de saúde, e em 15% das vilas não existem serviços.

Em comparação aos outros tipos de vilas, nas vilas ao longo dos cursos d'água, o número de igrejas evangélicas é o dobro do número de católicas, mesmo que a literatura mostre que, nessa região, a presença da igreja católica no processo de ocupação tenha sido relevante. As explicações mais frequentes apontam para a facilidade de instalação e funcionamento de uma igreja evangélica quando comparada a uma católica – ou seja, prédios mais simples e maior disponibilidade de pastores pela menor exigência em termos de formação, além do fato de eles residirem nas próprias vilas.

Quanto à vida associativa, os clubes de futebol existem em 68 vilas, ou seja, em 77%. Os grupos de jovens estão em 53, e as associações, em 45. Grupos de mulheres (18), clube de mães (9), cooperativas (3) e clube agrícola (1) também existem.

Entre as atividades realizadas nas vilas ao longo dos cursos d'água, a pesca se destaca, diferentemente dos demais tipos de vilas, e é praticada em 30 vilas (34,1%). Entretanto, a agricultura predomina entre as atividades e consta como a principal atividade em 79,5% (70) das vilas. O extrativismo de frutos, especialmente o açaí, ocorre em 51% (45) das vilas, ganhando destaque nesse ambiente na época da safra mediante o crescimento da demanda nacional.

Grosso modo, as vilas ao longo dos cursos d'água se originam dos primeiros povoamentos. Elas são as mais populosas depois das vilas do Tipo 1 e têm uma economia mais diversificada, favorecida pela disponibilidade de cursos d'água. Durante muitas décadas, seus habitantes exclusivamente dependeram do transporte fluvial. A longa história dessas vilas e o maior agrupamento populacional favorecem a segunda maior disponibilidade de serviços quando comparado ao Tipo 1.

Vilas ao longo das estradas

As vilas pertinentes a esse tipo se caracterizam por margear as estradas (BRs ou PAs) e foram formadas mais recentemente pela chegada de habitantes que, em boa parte, não têm terras, seja porque as venderam, seja porque nunca as tiveram, e dependem da venda da força de trabalho ou de pequenos negócios para sobreviver.

Nessas vilas, eles têm acesso com mais facilidade aos serviços de energia e transporte. Também ficam estrategicamente localizados para serem contratados

para trabalhos em ocupações eventuais localmente ou nas proximidades, como empresas de cultivo e processamento de dendê e fazendas de gado, entre outras.

Vilas ao longo das estradas foram identificadas em 11 municípios, totalizando 34 vilas, o que corresponde a 10% da amostra. O número de habitantes dessas vilas se concentra na faixa de 150 a 300 em 61% dos casos. Já o número de casas predomina na faixa até 100 (Figuras 2 e 3).

Por estarem nas margens de estradas, muitas vilas acabam adquirindo nomes referentes ao quilômetro no qual se situam, ou seja, não são nomeadas como as demais vilas que têm nomes de santos da Igreja Católica, datas comemorativas, palavras de otimismo, plantas, etc. Demarcam, nas denominações, a história do grupo (santos) e das interferências externas, como a construção de estradas pelo poder público.

Essas vilas se caracterizam pela ausência de um centro específico onde se encontram os principais serviços. Quando presentes, os estabelecimentos comerciais, escolas, igrejas, prédios públicos e os domicílios estão situados ao longo da estrada. Nessas vilas, a existência de bares, comércios, lanchonetes e pequenos restaurantes é muito comum, pois se localizam em zona de constante trânsito de pessoas e carros, o que torna a vila sempre movimentada.

Os serviços de saúde, educação e telefonia situam-se somente em 8% (3) das vilas. As vilas com dois tipos de serviços somam 35% (12). Destas, seis vilas têm apenas escolas e postos de saúde, e seis vilas têm escolas e telefones públicos. Em 23% (8) das vilas não existem escolas, posto de saúde ou telefones públicos.

Em comparação aos outros tipos de vila, nas vilas ao longo das estradas, o número de igrejas evangélicas é maior do que o dobro do número de católicas, totalizando 55 e 20, respectivamente. É a maior diferença numérica entre os dois tipos de igreja, atribuída à facilidade de acesso e propósitos evangelizadores, considerando que são vilas mais recentes. Quanto à vida associativa, os clubes de futebol existem em 21 vilas, os grupos de jovens, em 17, as associações, em 12, os grupos de mulheres, em 3, e os clubes de mães, em 3. Não se registram cooperativas e clube agrícola.

O fato de estarem em locais de fácil acesso torna essas vilas abrigo para os mais diversos tipos de moradores. Assim, foram construídos uma grande quantidade de quartos e pequenos apartamentos para serem alugadas

por assalariados, principalmente das empresas agroindústrias de dendê. Segundo os entrevistados, a chegada de migrantes implica a diferenciação entre moradores, com a tendência de associar os recém-chegados ao aumento da violência.

A principal forma de trabalho dos moradores dessas vilas é o assalariamento, em 79% (27) das vilas. Como já mencionado, poucos moradores possuem terra para o trabalho na agricultura, e a maior parte da população vem em busca da proximidade com grandes empresas que estão nos arredores das vilas.

A dispersão, ao contrário do que ocorre nas vilas em torno de um centro, é desfavorável ao estabelecimento de infraestrutura e serviços conforme analisado anteriormente.

CONCLUSÕES

O objetivo deste artigo foi analisar a relação entre a formação histórica, localização e infraestrutura em diferentes tipos de vilas rurais na região de produção de dendê no Nordeste Paraense.

A pesquisa em escala mesorregional proporcionou a caracterização de diferentes vilas. Com fins analíticos, as vilas foram agrupadas em quatro tipos, segundo a sua localização, quais sejam: Tipo 1 – vilas em torno de um centro; Tipo 2 – vilas com casas espalhadas; Tipo 3 – vilas ao longo dos cursos d'água; e Tipo 4 – vilas ao longo das estradas.

As diferentes localizações das vilas remetem a momentos históricos e estratégias diferenciadas, sendo as mais antigas aquelas fundadas nas margens dos rios, e as mais recentes, nas margens das estradas.

Em se tratando da formação histórica e da infraestrutura, as conclusões apontam uma relação direta entre estas duas variáveis, pois são as vilas mais antigas, ao longo dos cursos d'água, que detêm melhor infraestrutura, não obstante o fato de que não são as mais populosas (ocupam o segundo lugar em número de habitantes). Contrariamente, as vilas mais recentes, ao longo das estradas, têm menos disponibilidade de infraestrutura e serviços.

Para além da localização, a densidade demográfica também influencia pela capacidade que assumem os habitantes para pressionar o poder público.

Concluímos, entretanto, que os aspectos mais determinantes para atrair infraestrutura são a rede social e política a que pertencem moradores mais antigos, e a proximidade de iniciativas de políticas públicas, como a construção de estradas.

Dessa forma, as vilas que contam com uma infraestrutura melhor recebem um número grande de moradores de vilas vizinhas, de menor porte, na busca de serviços públicos e privados. Em geral, há carência de infraestrutura e serviços nas vilas e insatisfação dos moradores com o funcionamento deles em todos os tipos.

Independentemente do tipo de vila, as igrejas evangélicas e católicas existem em maiores proporções do que qualquer outra iniciativa. Assim, a relação entre a formação histórica, localização e disponibilidade de igrejas não se evidenciou como relevante.

Em se tratando da organização social, evidências de sociabilidade foram constatadas predominantemente nos clubes de futebol e grupos de jovens em todos os casos. Nos primeiros, há propósito exclusivo de lazer. No segundo, há uma intersecção entre lazer e religião porque os grupos estão ligados a uma ou outra igreja.

As associações comunitárias e de moradores têm grande relevância numérica e se evidenciaram mais fortemente nos Tipos 1 e 3, reafirmando a ideia de que a formação histórica é relevante no agrupamento dos habitantes pelas relações de interconhecimento que vivenciam.

Por fim, a formação histórica e a maneira como as vilas se localizam influenciam e são influenciadas pelo acesso a serviços e infraestrutura como observado na tendência de menor debilidade de acesso a serviços e infraestruturas nos Tipos 1 e 3.

Nas vilas dos demais tipos, há tendências contraditórias. As vilas ao longo das estradas tendem a aumentar numericamente pelas dificuldades de reprodução social dos assalariados que ali vivem, mais frequentemente. Nas vilas com casas espalhadas, há tendência de mudança de membros das famílias para vilas menos desestruturadas e com algum serviço.

Em todos os casos, há a constatação da ausência do Estado no atendimento aos serviços essenciais ao cidadão.

Por fim, num quadro de inexistência de dados e informações sobre as vilas rurais no Pará, o estabelecimento da relação entre a formação histórica, localização e infraestrutura das vilas foi traçado com base em uma tipologia que permitiu identificar a diversidade de vilas e, ao mesmo tempo, agrupá-las segundo características comuns. Espera-se, com isso, subsidiar ações de políticas públicas que tenham em foco o desenvolvimento local.

AGRADECIMENTOS

À Glaucia Macedo pela leitura crítica e contribuições para a finalização do artigo. À Elineuza Pessoa por todo o suporte para a diagramação. Aos entrevistados que se dispuseram, tão gentilmente, a rebuscar nas suas memórias as histórias sobre as vilas onde residem.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, E. F. **Memórias de Mamirauá**. Belém, PA: Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, 2010. 291 p.
- CANCIAN, N. Brasil fecha, em média, oito escolas por dia na região rural. **Folha de São Paulo**, 3 mar. 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2014/03/1420332-pais-fecha-oito-escolas-por-dia-na-zona-rural.shtml>>. Acesso em: 20 dez. 2016.
- CANDIDO, A. **Os parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira e a transformação dos seus meios de vida. 7. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1987.
- CONCEIÇÃO, M. de F. C. **Políticas e colonos na Bragantina, Estado do Pará**: um trem, a terra e a mandioca. 1990. 288 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- FALESI, I. C. O estado atual dos conhecimentos sobre os solos da Amazônia brasileira. **Geociências**, v. 1, p. 151-168, 1967.
- FAO. Fisheries and Aquaculture Department. **Fishery and aquaculture country profiles**. Rome, 2010. Disponível em: <<http://www.fao.org/fishery/countryprofiles/search/en>>. Acesso em: 22 dez. 2016.
- GUEDES, E. B; CORDOVIL G. V. Vilas rurais na Amazônia Paraense: uma proposição conceitual. **Revista Geoamazonia**, v. 1, p. 23-43, 2014.
- GUERRA, G. A. D. **Religião, educação, futebol e mercado**: elementos estruturantes da vida social em povoados da Amazônia. [S.l.: s.n.], 2015. Mimeografado.

HÉBETTE, J. Movimento sindical e ações de desenvolvimento rural na região de Marabá: a construção de um nível regional de ação em parceria. **Agricultura Familiar: Pesquisa, Formação e Desenvolvimento**, v. 1, n. 3, p. 141-172. 2002.

HÉBETTE, J.; ALVES, J. M.; QUINTELA, R. Parentesco, vizinhança e organização profissional na formação da fronteira amazônica. In: HÉBETTE, J.; MAGALHÃES, S. B.; MANESCHY, M. C. (Org.). **No mar, nos rios e na fronteira: faces do campesinato no Pará**. Belém, PA: Ed. da UFPA, 2002. 173-202 p.

LEITE, S.; HEREDIA, B. A.; MEDEIROS, L. S.; PALMEIRA, M.; CINTRÃO, R. **Impactos dos assentamentos**: um estudo sobre o meio rural brasileiro. São Paulo: Ed. da Unesp/Nead/IncrA/MDA, 2004. 392 p.

LOUREIRO, V. R. **Amazônia**: história e análise de problemas: do período da borracha aos dias atuais. Belém, PA: Ed. DistribeL, 2002. 128 p.

MENEZES, M. A. **Redes e enredos nas trilhas dos migrantes**: um estudo de famílias de camponeses-migrantes. Rio de Janeiro: Relume Dumará; João Pessoa: Ed. da Edufpb, 2002. 249 p.

MOREIRA, E. V.; HESPAÑHOL, A. N. O lugar e o rural: os bairros rurais no município de Presidente prudente. **Revista Formação**, v. 1, p. 186-191, 2007.

NEVES, D. P. Os agricultores de várzea no médio rio Solimões: condições sócio-ambientais de vida. In: LIMA, D. (Org.). **Diversidade socioambiental nas várzeas dos rios Amazonas e Solimões**: perspectivas para o desenvolvimento da sustentabilidade. Manaus: MMA, 2005. p. 101-156.

PORTO-GONÇALVES, C. W. P. **Amazônia, Amazônias**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005. 178 p. (Coleção caminhos da geografia).

QUEIROZ, M. I. P. de. **Bairros rurais paulistas**: dinâmica das relações bairro rural-cidade. São Paulo: Livraria duas cidades, 1973. 162 p.

RIBEIRO, L. B. **O trabalho sob influência da dendeicultura em vilas rurais paraenses**. 2016. 120 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Belém.

SANTOS, R. **História econômica da Amazônia**: 1800-1920. São Paulo: Ed. T.A. Queiroz, 1980. 358 p.

SILVA, D. W. **Entre a vila e o assentamento**: conexões que dinamizam a agricultura familiar na Amazônia Oriental. 2011. 195 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Belém.

SILVA, G. Sustentabilidade ou subordinação: modos de vida em comunidades de várzea na Foz do Amazonas. In: LIMA, D. (Org.). **Diversidade socioambiental nas várzeas dos rios Amazonas e Solimões**: perspectivas para o desenvolvimento da sustentabilidade. Manaus: MMA, 2005. p. 265-313.

VIEIRA, I. C. G.; SALOMÃO, R. P.; ADAMS M. Biodiversidade 120 anos depois da ocupação agrícola na região Bragantina, Pará. In: FORLINE, L; MURIETA, R. VIEIRA I. C. G.; (Org.). **Amazônia além dos 500 anos**. Belém: MPEG, 2006. p. 533-540.

WAGLEY, C. **Uma comunidade amazônica**: estudo dos homens nos trópicos. 3 ed. Belo Horizonte: Itatiaia Limitada, 1988. 316 p.

Trabalho recebido em 23 de dezembro de 2016 e aceito em 14 de junho de 2017..